

DÉCIMA OITAVA EDIÇÃO  
*publicada*  
*setenta e nove anos*  
*após a morte do*  
POETA

ANTÓNIO NOBRE  
*nasceu no Porto a 16 de Agosto de 1867,*  
*e morreu, na Foz do Douro, na madrugada de*  
*18 de Março de 1900, tendo publicado o «Só»,*  
*em Paris, aos 25 anos.*

António Nobre

SÓ



Livraria Tavares Martins

PORTO / 1979

Em horas que lá vão, molhei a pena  
Na chaga aberta desse corpo amado,  
Mas numa chaga a supurar gangrena,  
Cheia de pus, de sangue já coalhado !

E depois, com a mão firme e serena,  
Compus este Missal dum Torturado :  
Talvez choreis, talvez vos faça pena ...  
Chorai ! que imenso tenho eu já chorado.

Abri-o ! Orai com devoção sincera !  
E, à leitura final duma oração,  
Vereis cair no solo uma quimera :

Moços do meu País ! vereis então  
O que é esta Vida, o que é que vos espera ...  
Toda uma Sexta-Feira de Paixão !

*Coimbra, 1889.*

Em certo Reino, à esquina do Planeta,  
Onde nasceram meus Avós, meus Pais,  
Há quatro lustros, viu a luz um poeta  
Que melhor fora não a ver jamais.

Mal despontava para a vida inquieta,  
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideais,  
À falsa fé, numa traição abjecta,  
Como os bandidos nas estradas reais !

E, embora eu seja descendente, um ramo  
Dessa árvore de Heróis que, entre perigos  
E guerras, se esforçaram pelo Ideal :

Nada me importas, País ! seja meu Amo  
O Carlos ou o Zé da T'resa ... Amigos,  
Que desgraça nascer em Portugal !

*Coimbra, 1889.*

Na praia lá da Boa Nova, um dia,  
Edifiquei ( foi esse o grande mal )  
Alto Castelo, o que é a fantasia,  
Todo de lápis-lazúli e coral !

Naquelas redondezas não havia  
Quem se gabasse dum domínio igual :  
Oh Castelo tão alto ! parecia  
O território dum Senhor feudal !

Um dia ( não sei quando, nem sei donde )  
Um vento seco de Deserto e spleen  
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim !  
Porque eu já fui um poderoso Conde,  
Naquela idade em que se é conde assim ...

*Porto, 1887.*

Não repararam nunca ? Pela aldeia,  
 Nos fios telegráficos da estrada,  
 Cantam as aves, desde que o Sol nada,  
 E, à noite, se faz Sol a Lua-Cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia,  
 Quanta tortura vai, numa ânsia alada !  
 O Ministro que joga uma cartada,  
 Alma que, às vezes, de além-mar anseia :

— Revolução ! — Inútil. — Cem feridos,  
 Setenta mortos. — Beijo-te ! — Perdidos !  
 — Enfim, feliz ! — ? — ! — Desesperado. — Vem.

E as boas aves, bem se importam elas !  
 Continuam cantando, tagarelas ;  
 Assim, António ! deves ser também.

*Colónia, 1891.*

Falhei na Vida. Zut ! Ideais caídos !  
 Torres por terra ! As árvores sem ramos !  
 Ó meus Amigos ! todos nós falhámos ...  
 Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos !  
 Que fazer ? Porque não nos suicidamos ?  
 Jesus ! Jesus ! Resignação ... Formamos  
 No Mundo, o claustro-pleno dos Vencidos.

Troquemos o burel por esta capa !  
 Ao longe, os sinos místicos da Trapa  
 Clamam por nós, convidam-nos a entrar :

Vamos semear o pão, podar as uvas,  
 Pegai na enxada, descalçai as luvas,  
 Tendes bom corpo, Irmãos ! Vamos cavar !

*Coimbra, 1889.*

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.  
 Esforço inútil. Tudo é ilusão.  
 Quantos não cismam nisso mesmo a esta hora  
 Com uma taça, ou um punhal na mão !

Mas a Arte, o Lar, um filho, António ? Embora !  
 Quimeras, sonhos, bolas de sabão.  
 E a tortura do *Além* e quem lá mora !  
 Isso é, talvez, minha única aflição.

Toda a dor pode suportar-se, toda !  
 Mesmo a da noiva morta em plena boda,  
 Que por mortalha leva ... essa que traz.

Mas uma não : é a dor do pensamento !  
 Ai quem me dera entrar nesse convento  
 Que há além da Morte e que se chama *A Paz* !

Paris, 1891.

## Elegias